



Aaron Fischer  
Carlos Sotto Mayor  
cap .15

# Aaron Fischer



CAPÍTULO 15

## CONTINENTE ELEMENTAL

– Parece que você vai me levar para cama sem nem precisar me mostrar seu rosto! – O rei Bael se levantou de supetão ao ver que perdera sua aposta, mas ele, para a surpresa de Kuma, tinha um sorriso satisfeito no rosto disforme, enquanto se aproximava para apertar sua mão. – Boa aposta, meu amigo, boa aposta... eu quase te peguei!

Kuma também se levantou, indo de encontro ao rei, mostrando uma satisfação contida, que ele avaliou estar na medida certa para agradar seu novo aliado.

– Você vai descobrir que sou muito bom, mesmo assim! – Kuma estava satisfeito, conseguira o que queria. Ele sabia que aquela aposta valia muito mais do que simplesmente revelar o seu rosto, ou perder o acesso ao poder da sua máscara. Aquela aposta garantia que o Rei Bael não iria trair a aliança que acabaram de firmar, sua palavra podia ser a de uma pirata e não valer nada mais do que areia na praia mas Kuma sabia que, acima de tudo, ele era um homem que pagava suas apostas, afinal de contas, seu reino vivia daquela atividade.

– Espero que sim, meu amigo... espero que sim, para o nosso bem.  
– Bael deixou a ameaça velada se prolongar por um pouco mais de tempo, voltando ao seu tom usual, como sua voz rouca logo em seguida. – Se você quiser me esperar na minha sala reservada, para finalizarmos nosso acordo, só irei fazer um discurso para abrir a festa de encerramento das comemorações.

– E quanto a Makoto? – Kuma apontou para o campo de batalha, onde já não havia mais ninguém.

– Não se preocupe, ela será muito bem tratada por nossa equipe. Peço que você deixe para visitá-la depois, afinal de contas ainda tenho muitos compromissos esta noite e queria adiantar nossa conversa.

Kuma concordou a contragosto, apesar de saber que não possuía muitas opções. Ele foi guiado, novamente, pela mesma assistente musculosa, por um caminho reservado, com acesso apenas pelo camarote do rei. Eles desceram longas escadas até o subterrâneo, onde seguiram por um complexo sistema de túneis bem construído, com piso de mármore e dutos de ventilação. Após um bom tempo andando, eles voltaram a subir, dando direto em uma bela sala reservada, onde mais guardas vestidos no uniforme da Guarda Real se encontravam. A sala em muito se assemelhava ao escritório que Kuma possuía em seu veleiro, divergindo apenas para uma decoração mais suntuosa, com ouro e pedras preciosas nos móveis e esculturas. A sua guia continuou, o levando por uma porta até uma segunda sala, esta bem maior que a primeira, onde um considerável número de homens e mulheres, todos muitíssimo bem-vestidos, fumavam e bebiam calmamente, enquanto conversavam alegres. Fazia uma temperatura agradável na sala, que tinha o chão coberto de carpete macio, de um roxo real, as paredes vermelhas e douradas eram decoradas com pinturas de animais, que se mexiam em seus quadros como se estivessem vivos. Espelhados pelo cômodo ficavam poltronas confortáveis, dispostas em conjuntos de quatro, separadas por uma mesa baixa, onde alguns dos presentes fumavam através de uma estrutura complicada de cachimbos. Além das poltronas, havia uma mesa para cada jogo de azar que Kuma conhecia e mais

alguns que ele nunca vira. Desde poker bélico a cartas animalescas (os jogos mais populares no Império de Taur) a um jogo onde um crupiê velho e cego, tentava adivinhar que carta, feitas de rochas, os apostadores tinham na mão, fazendo-as explodir quando acertava e se transformar em grossas moedas de ouro quando errava. Na quina direita oposta a que ele se encontrava, ficava um bar feito de ouro maciço, com um aquário gigantesco por trás, onde belos répteis coloridos, imensos e reluzentes, com suas escamas mais parecendo pedras preciosas, nadavam tranquilamente, e que Kuma percebeu separar a sala reservada, do salão principal do Casino Real das Ilhas Bárbaras.

Kuma sentou-se em uma das poltronas para esperar, negando a bebida e comida que lhe foram oferecidas. Ele esperou por um bom tempo, mas não se importou, as distrações no ambiente eram inúmeras. Quando a mesma guia musculosa voltou para chamá-lo e levá-lo até a antessala por onde chegara, ele ficou um pouco decepcionado. Não se importaria de ficar ali mais um pouco.

O Rei Bael tinha um olhar ainda mais elétrico do que antes, seus olhos com um brilho estranho, que Kuma conhecia bem. Se ele não estivesse enganado, o Rei estivera fazendo mais do que apenas um discurso para iniciar comemorações, ele estivera, por assim dizer, se “preparando” para as festividades também.

— Então, meu amigo Kuma, quais são os próximos passos que você tem planejado? – O rei não se sentou, nem ofereceu uma cadeira a ele, mandando com um gesto que a guia deixasse os dois a sós, assim como seus guardas.

Quando todos saíram, Kuma voltou a encarar seu novo aliado:

– Meu plano agora é partir para o Continente Elemental...

O rei o interrompeu, antes que ele pudesse continuar:

– Continente Elemental... – A feição do Rei saiu de um divertimento e excitação, para uma raiva repentina e mal contida, como se Kuma tivesse acabado de lhe dizer algo absurdo e sem propósito. – O que poderia te fazer querer ir àquele lugar? Você ao menos sabe chegar até lá?

– Gigantes... e sim, eu sei chegar até lá. Mas não se preocupe, eu não pretendo entrar no continente, irei contorná-lo, me encontrarei com os gigantes em um dos seus assentamentos costeiros ao norte.

– Pode se contar nos dedos o número de pessoas que voltaram vivas de lá no último século, e olhe que eu só tenho uma mão... nenhum reino ou império manda expedições até lá... o que você quer com os gigantes? Ainda existem gigantes no Império de Taur, por que não os procura lá?

Kuma riu, tentando amenizar o clima:

– Vamos, também não é para tanto. Você esteve lá e sobreviveu, e eu conheço mais alguns... apesar das suas histórias não serem das mais animadoras. Enfim, eu sei do perigo que o continente representa, no entanto, acredito que posso forjar uma aliança com os gigantes para a guerra que iremos enfrentar e isso é algo que vale o risco.

Foi a vez do rei rir, sua risada agonizante:

– Fiz meu aviso, cabe a você avaliar o que deve fazer... Como pretende conseguir a aliança com os gigantes?

– Os gigantes são uma raça antiga e poderosa e, portanto, muito orgulhosa. Pretendo mostrar a atual situação que o Império de Taur impõe aos gigantes que vivem em seu território, mostrar todos os crimes cometidos, o extermínio, os preconceitos...

– Isso não é uma exclusividade do Império de Taur, todo o continente de Acrom é culpado por esses crimes. Além disso, como pretende se comunicar com eles?

– Com restante do continente de Acrom nós podemos nos preocupar depois, nosso foco no momento é o Império de Taur. – Kuma se ajeitou, mudando seu peso da perna esquerda para a perna direita, no intuito de descansá-la. – Eu levarei comigo um gigante, líder da atual população que vive no império, que é de pouco menos de cinquenta indivíduos... meu objetivo é conseguir uma aliança com pelo menos quinhentos gigantes nesta minha expedição, eles seriam uma adição poderosa ao nosso exército.

O rei coçou o queixo agitado.

– Realmente seria uma grande adição. No entanto, não espere os gigantes de lá serem parecidos com os daqui, você verá que são quase outra espécie...

– Não se preocupe com isso, eu conseguirei lidar com eles. O que preciso saber é se posso dispor dos seus navios para buscá-los, quando conseguir forjar esta aliança.

O Rei Bael riu com desprezo, antes de responder:

– Se você conseguir este feito, meus navios estarão a sua disposição!

– Lembrarei da sua promessa! O mantereii informado...

## OS MAIS FORTES SE ENFRENTAM

Aaron já perdera tempo demais assistindo a batalha de Kvin contra a hidra. Ela podia se virar bem e ele sabia disso. Então pôs Gent no ombro, como um saco de sal e partiu a toda velocidade para o farol. Aurea e Morken estavam do lado oposto da construção e quando finalmente chegou até eles, indo direto pelo farol e cruzando-o por dentro, os dois estavam diante do grupo inteiro de Kracht, inclusive Noerm, que tinha queimaduras cobrindo boa parte do lado direito do seu corpo, as roupas destroçadas pela força da explosão, mas parecia não se importar muito com os ferimentos. O grupo adversário estava dividido em duas das pontes que levavam até a margem do lago, parados fitando Aurea e Morken, como se esperassem a autorização de Kracht, que estava pálido como se acabasse de ver um fantasma, sua respiração pesada, enquanto falava olhando para Morken com uma raiva sombria:

— Você devia estar morto...

— Eu sei, mas sobrevivi, sobrevivi e estou aqui por você! – Morken tinha uma voz triste, mas sincera.

— Do que você está falando, Morken? – Aurea perguntou, tentando entender o que estava acontecendo, mas ela não era a única confusa diante daquele diálogo: os amigos de Kracht pareciam tão perdidos quanto ela.

Morken ignorou sua amiga, tentando se aproximar de Kracht, mas o garoto gritou, a raiva aumentando a cada palavra:

— Eu não tenho nada para falar com você, você matou nossa mãe e me abandonou com ele! Como você pode falar que está aqui por mim?

Aaron aproveitou que as atenções estavam voltadas para Kracht e Morken para levar Gent até Aurea. Ele não tinha tempo para se preocupar com o fato de que aparentemente Kracht e Morken eram irmãos. E daí se Morken fosse filho do Marechal...? Gent estava morrendo e aquilo podia esperar.

A garota ficou assustada em ver o estado em que Gent se encontrava e começou a cuidar dele imediatamente. Os outros encaravam Kracht e Morken, ainda sem acreditar no que estavam ouvindo. Aquilo não podia ser verdade... Um silêncio mórbido se abateu sobre o lugar até finalmente ser rompido por Morken.

— Eu não tive outra opção a não ser fugir. Ele quase me matou, se eu voltasse ele me mataria antes que chegasse até você e ainda assim, eu tinha medo de machucá-lo, assim como fiz com a nossa mãe... — Morken quase suplicava para que Kracht entendesse o que ele dizia. Ele abriu seu macacão, revelando seu torço musculoso, com uma cicatriz circular do tamanho de uma maçã do lado esquerdo de sua barriga. — Ele achou que esse ferimento seria o suficiente para me matar... me deixou para morrer na sarjeta mas fui resgatado, vivi como miserável desde então, pulando de cidade em cidade, província em província a cada novo incidente, mas finalmente conheci alguém que selou meus poderes! — Ele mostrou seus braços onde tatuagens de inúmeras runas formavam uma espécie de corrente até a palma de cada uma de suas mãos. — Eu só posso usar meus poderes através desses revólveres agora, finalmente é seguro para mim, estar perto de outras pessoas... nós podemos fugir Kracht, acredite, você não

precisa dele, do seu poder, do seu dinheiro, de nada. Só eu e você, podemos sair do Império, do continente, viajar, explorar! Seremos donos de nós mesmos.

Morken esticou sua mão para Kracht, como que convidando-o a tomá-la e acabar aquele conflito ali mesmo, mas seu irmão continuou a fitá-lo, um misto de incerteza e raiva em seu rosto.

– Você não sabe o que eu passei nas mãos dele!

– acredite, passei todos esses anos tentando achar uma forma de salvá-lo... – Morken carregava culpa na voz, enquanto Kracht trazia um rancor e uma raiva reprimida.

– Não quero saber, é tarde demais... **DESTRUAM OS OUTROS, DEIXEM ELE COMIGO!** – Kracht apontava para Morken com fúria, seus braços se incendiaram, mas não um fogo normal, algo maior, mais poderoso, como se a sua pele se transformasse em uma lava cintilante que fluía ao longo dos seus braços, algo como a superfície do Sol, iluminando tudo ao seu redor. Os seus companheiros, pareciam estar esperando ansiosamente pela ordem de atacar, e assim que a ouviram, partiram para cima de Aaron e Aurea com tudo.

– Eu vou mantê-los ocupados, você cuida de Gent! – Aaron gritou, tomando a frente. Sua prioridade não era mais a Prova dos Elementos mas sim a vida do seu amigo.

– Eu fico com Mrim e Noerm, você pega Dryke e Macht! – Aurea se colocou ao seu lado, ignorando o que falara!

– Mas e Gent?

– Eu criei um casulo de vida com a minha energia e ele não corre

perigo de morrer durante a batalha, mas isso é tudo que eu posso fazer por ele!

Aaron fez um gesto de afirmação e partiu para enfrentar seus adversários, que vinham juntos da ponte a sua direita. O chão de madeira tremia sob o peso do Zver de Dryke, enquanto Macht sacava seu bastão e golpeava o ar com uma velocidade impressionante. Aaron pensou que aquilo era só um gesto ameaçador de quem está prestes a entrar em batalha... quando viu a distorção do ar causada pelo poder do seu adversário, já era tarde demais. A onda de choque lhe atingiu no peito e o mandou voando contra a parede do farol.

Ele se levantou rapidamente, xingando a sua burrice. Dryke desaparecera das costas do Zver deixando o animal continuar a avançar em sua direção, com Macht ao seu lado, que atingiu a ponte de madeira dessa vez, fazendo com que uma onda de choque se propagasse através dela, destruindo-a por onde passava.

Aaron conseguiu pular para outra ponte a tempo, usando seu corrimão apenas como apoio para outro salto em direção ao corpo do seu adversário, atingindo-o no peito com seu ombro, como um jogador de fissureall. Os dois caíram rolando no lago congelado, deixando suas armas escaparem de suas mãos. Quando Aaron se levantou, o Zver já pulara da ponte atrás deles, rachando o gelo sob seus pés, avançando a poucos metros de distância de Aaron, que esquivou-se do ataque e correu para sua lança, pegando-a no chão e partindo para um combate corpo a corpo com Macht, antes que ele pudesse usar seu poder, pois sabia que uma luta à distância era totalmente favorável ao seu adversário.

Os golpes de Macht, desferidos com seu bastão, tinham uma força

assustadora e um efeito estranho, fazendo a lança de Aaron vibrar como se fosse uma vara. Macht conseguia usar seu poder em todos os golpes que desferia, o que dificultava a pegada de Aaron em sua lança. Mas Aaron conseguia ver os erros na postura de defesa e ataque do seu adversário. Após bloquear alguns ataques duros, Aaron sacou sua machadinha, partindo para uma ofensiva, no intuito de fazê-lo recuar para longe do Zver, que já fizera a volta e vinha na direção dos dois, o gelo dificultando seu avanço.

Aaron não queria dar espaço ao adversário, pois não queria vê-lo usar seu poder com toda a força e nem muito menos ter que enfrentar o Zver, que agora assistia aos dois sem conseguir uma brecha para atacar. Aaron e Macht um borrão de golpes, lança, bastão, pernas, tornando qualquer ataque do animal um risco para ambos. Aaron conseguia ver o medo da derrota começar a se formar nos olhos confiantes de Macht enquanto este se defendia dos seus golpes frenéticos. Percebendo que se aquela situação continuasse, a sua derrota estaria próxima, Macht usou seu bastão para golpear com toda força o chão de gelo entre os dois, enquanto Aaron fincava sua machadinha em seu ombro esquerdo.

O chão pareceu explodir, mandando os dois voando para lados opostos e deixando um buraco no gelo. O gigantesco Zver não esperou nem Aaron tocar o chão novamente para sair no seu encaixe. Aaron atingiu o chão deslizando, com o imenso animal a poucos metros de si. Antes que parasse de deslizar, ele deu um pulo para ficar em pé, já se postando em posição de combate, com sua lança na mão direita e a esquerda em posição de guarda, agarrando a sua machadinha que veio voando em sua direção.

O Zver desferiu uma patada, que Aaron conseguiu desviar com um

movimento lateral. A força da criatura era descomunal, mas sua agilidade não era tão grande. Aaron desviou de um segundo ataque e fincou sua lança na pata dianteira de apoio do animal, prendendo-o ao gelo, mas a criatura não pareceu se abalar, forçando seu corpo para perto dele na tentativa de mordê-lo. O ataque pegou Aaron de surpresa, que reagiu sem pensar, fincando sua machadinha no olho esquerdo do Zver, no intuito de frear seu avanço, enquanto pulava para trás. O animal urgiu em agonia, tentando tirar a machadinha fincada em seu rosto, se debatendo, sua pata ainda presa ao gelo pela lança.

Aaron olhava para criatura, um remorso grande em seu coração, mas ele fizera o que tinha que fazer. Não tinha tempo para se martirizar pois Dryke surgiu, vindo de detrás de uma viga de madeira que sustentava a ponte mais próxima, gritando em desespero, correndo até o seu animal de estimação, Macht vinha logo atrás dele, lhe dando cobertura, desferindo vários golpes através do gelo, que estourava por onde as ondas de choque se propagavam. Os ataques eram incessantes, não dando brecha alguma para que Aaron se aproximasse. Para piorar a situação, o chão, que antes era firme, apesar de escorregadio, estava começando a se transformar em placas de gelo instáveis, o que dificultava desviar dos golpes, que só faziam crescer à medida que a raiva do seu adversário aumentava.

Aaron ainda não conseguira se aproximar de Macht, quando Dryke finalmente livrou o Zver, que retornara ao seu tamanho original, parecendo um ursinho de pelúcia, das armas presas ao seu corpo, e chegou para se juntar a batalha, com um ódio descomunal nos olhos e suas facas entre os dedos das mãos.

Os dois começaram um ataque sincronizado: Macht usava suas

poderosas ondas de choque em sucessão, enquanto Dryke jogava suas facas exatamente nos únicos pontos para onde Aaron poderia desviar. O chão instável complicava ainda mais a sua vida. Ele conseguiu desviar da primeira onda de ataques, mas na segunda, acabou atingido na perna por uma das armas envenenadas de Dryke. No primeiro momento, Aaron só sentiu o impacto na sua coxa direita, mas em poucos segundos uma dor lancinante o atingiu, fazendo com que se ajoelhasse. Macht aproveitou o momento para lhe atingir no peito com seu poder, fazendo-o voar para longe, desacordado.

## D'ARC

Aurea também batalhava no gelo e lutava ferozmente contra seus dois adversários, Noerm e Mrim, sendo obrigada, ao mesmo tempo, a manter a cápsula de energia que matinha Gent vivo. Não faltava muito tempo para o Sol nascer, mas as duas tarefas estavam lhe custando caro.

Mrim e Noerm formavam uma dupla extremamente poderosa. Ela se movia em um frenesi de teletransportes que Aurea mal conseguia acompanhar, desferindo golpes com suas adagas, que seriam impossíveis de defender se não fosse pelas suas barreiras de energia. Já Noerm expandira seu corpo até chegar a cerca de dez metros de altura, usando sua força e peso para desferir socos poderosos que chegavam perto de destruir seus campos de força. Aurea ainda não conseguira uma brecha para tentar um ataque e sabia que não iria durar para sempre se ficasse só se defendendo, por isso resolveu arriscar.

Noerm desferiu um dos seus poderosos murros, gritando e colocando todo o seu peso e força no ataque, querendo destruir a barreira de energia criada por Aurea, que a desfez no último momento antes do impacto. O garoto acertou o ar acima da sua cabeça, perdendo o equilíbrio e caindo com o ombro no chão. Aurea aproveitou a oportunidade para correr e acertar uma voadora com os dois pés revestidos por sua energia no rosto do seu adversário, que saiu deslizando pelo gelo, mesmo com todo o seu tamanho. Noerm tentou se levantar com a mão no nariz e gritando de raiva, mas Aurea já pulara até a altura do seu rosto, com sua armadura de energia,

envolvendo todo seu corpo, já em forma de esqueleto, acertando-lhe um murro antes que ele pudesse se recuperar, mandando-o para o chão mais uma vez.

Quando ela ainda estava no ar, Mrim se teletransportou para suas costas, tentando perfurar sua armadura com as adagas. Percebendo que não teria sucesso, a garota simplesmente se abraçou a Aurea, virando suas cabeças em direção ao chão de modo que as duas começassem uma queda livre, sem nenhuma maneira de se proteger do impacto. Aurea rapidamente criou uma barreira de energia à sua volta e a expandiu, obrigando sua adversária a se teletransportar para longe. Ela aterrissou no gelo protegida por seu poder, ainda preocupada. Apesar de ter conseguido se livrar do ataque de Mrim, Noerm já estava se levantando novamente. Ela teria que usar mais energia se quisesse derrotar o garoto. Aurea partiu para cima de Noerm, desfazendo a armadura de energia à sua volta e concentrando todo seu poder ao redor das mãos. Ela estava a uma curta distância do seu alvo quando foi surpreendida por um soco na cara seguido por vários golpes em rápida sucessão. Os golpes pegaram Aurea de surpresa, a força dos ataques não era tão grande mas a velocidade era impressionante, vindo de todas as direções, sendo impossível prevêê-los, pois Mrim simplesmente se teletransportava ao seu redor, desferindo golpes contra sua cabeça e desaparecendo sempre que ela expandia seu escudo. Para piorar a situação, Noerm estava recuperado e crescera ainda mais, chegando a doze metros de altura, fazendo o chão tremer enquanto corria.

Aurea foi obrigada a recriar o escudo ao seu redor, bloqueando os poderosos ataques desferidos por Noerm e afastando Mrim, que voltou a desaparecer do seu campo de visão. Aurea utilizou a

estratégia de desfazer o escudo no último momento antes do impacto e Noerm repetiu seu erro, acertando o chão perto de onde ela estava, fazendo o gelo se partir em mil pedaços e ele perder o equilíbrio.

— Vamos voar! - Aurea não teve nem tempo de se mover antes de Mrim aparecer as suas costas.

Uma sensação de vertigem a invadiu, enquanto via seu corpo desaparecer diante dos seus olhos e reaparecer a trinta metros do solo. Ela começou a cair, desorientada e enjoada, sem entender o que acontecera. Noerm a pegou no ar, aumentando a velocidade com que ia de encontro ao chão. A força da queda somada a força do garoto seria suficiente para matá-la e ela sabia disso, mas não estava conseguindo se concentrar para gerar um escudo ao seu redor. Parecia que o teletransporte de Mrim havia posto seu cérebro em um liquidificador.

O desespero começou a se apoderar do seu corpo enquanto sentia o chão se aproximar. Não só pela sua morte, mas pela de Gent também, cujo a vida dependia do seu poder. Quando Aurea chegou a menos de um metro do chão, sentiu sua mente ser tomada pelo seu instinto de sobrevivência, liberando seu poder mais secreto e um dos seus maiores medos. A sua D'arc!

Os ossos das costelas de um ser humano gigante apareceram no ar, feitas de energia pura e intensa, envoltos no que parecia um fogo dourado escuro, quase preto, mantendo Aurea flutuando no seu centro. A caixa torácica a protegeu do impacto e logo dois braços enormes, feitos apenas de ossos, surgiram, agarrando Noerm pelo pescoço e o jogando para o lado com força, fazendo-o atingir uma das pontes. Aurea se levantou lentamente, junto com o gigantesco esqueleto feito de energia. O crânio da D'arc começou a se formar

à medida que ela se levantava com os olhos fechados, deixando o mesmo fogo dourado que envolvia o esqueleto, escapar por entre as pálpebras cerradas. Quando ela voltou a encarar seus adversários, o esqueleto superior da sua D'arc estava completamente formado e parecia flutuar ao redor de Aurea, com as costelas ficando a poucos centímetros do chão e olhando para seus adversários do alto dos seus quinze metros, com as cavidades dos olhos vazias e sinistras. Seus dentes eram maiores e mais afiados do que os de um humano normal e os ossos do seu crânio mais pontudos e marcantes, lhe dando uma aparência ainda mais demoníaca e ensandecida.

Noerm e Mrim recuaram assustados, tentando entender que poder era aquele, mas Aurea não lhes deu tempo para fugirem. O braço da sua D'arc se moveu rápido, agarrando a cabeça do gigante, que agora parecia pequena nas enormes mãos esqueléticas e a batendo com força contra o chão de gelo, fazendo-o pipocar com a força do golpe. Aurea sentia o seu poder, a D'arc, querendo sugar a energia vital de Noerm. Uma vontade quase irresistível de tomar para si toda a energia ao seu redor. Mas ela sabia que se cedesse, não conseguiria mais parar, então jogou o seu adversário desacordado para longe antes que sucumbisse a tentação.

Mrim tentou um ataque desesperado contra ela, que a socou no ar com a D'arc, no exato momento em que reapareceu na sua frente, mandando-a com força contra o grosso gelo, perfurando-o. Seus movimentos haviam se tornado previsíveis para Aurea. Ela conseguia sentir todas as energias a sua volta, inclusive a da sua adversária usando dimensões diferentes para se teletransportar. Aurea conseguia sentir a enorme quantidade de energia elemental vindo da hidra se esvaindo, assim como a de Kvin enquanto as duas afundavam

lentamente no lago abaixo dos seus pés. Ainda assim, a criatura era como um Sol intenso, só tendo seu brilho superado por Aaron, que mais parecia uma galáxia.

Ela conseguiu dar um passo na direção deles, antes de apagar completamente, junto com sua D'arc.

## IRMÃO CONTRA IRMÃO

Os anos de treinamento sob a supervisão da sua mestre haviam dado a Morken uma superioridade física sobre o seu irmão mais novo. Kracht tinha um poder imenso, mas a sua raiva não o estava deixando pensar, e Morken estava se aproveitando disso, mantendo a luta sempre a distância, até o momento de atacar.

— Nós não precisamos fazer isso. Eu apenas quero conversar com você!

— Eu já disse que não tenho nada para conversar com você, seu merda. — Kracht liberou uma de suas explosões solares, acertando Morken de raspão no ombro, causando uma grande queimadura. — Um pouco mais para baixo e estaria sem o braço.

— Você não conseguia me derrotar naquela época e não vai conseguir me derrotar agora. Quer queira, quer não, você ainda é o meu irmão mais novo.

Kracht pareceu se enfurecer ainda mais com o comentário de Morken:

— Se você ainda tivesse seus poderes, podia até ser que me derrotasse, mas deixou algum pé-rapado selá-lo!

Morken deu uma risada, perdendo a paciência. Não deixaria Kracht insultar sua mestre:

— Quando você estiver no chão, nós conversamos.

Dessa vez quem partiu para o ataque foi Morken, aumentando sua

velocidade e surpreendendo seu irmão com um murro no maxilar que o mandou voando para trás. Aproveitando a abertura, ele sacou suas armas, disparando vários tiros, mas Kracht se defendeu, criando uma barreira de energia solar e lava, enquanto fincava seus pés no chão, derretendo o gelo, e freava seu deslocamento. Ele partiu para o ataque, mais partes do seu corpo sendo tomadas pelo seu poder.

A batalha acontecia a uma velocidade alucinante, sendo praticamente impossível acompanhar os movimentos de cada um, fazendo com que os dois se misturassem em um borrão de membros, tiros e raios luminosos. Morken tinha que evitar os braços do seu irmão, pois as queimaduras que eles podiam causar o fariam perder a luta rapidamente, e não podia golpear o peito e os ombros dele pelo mesmo motivo.

O calor gerado pelo poder de Kracht, fazia Morken cansar mais rápido e raciocinar mais devagar, além de queimar sua pele lentamente, assim como derreter o gelo ao seu redor, os obrigando a se movimentar constantemente, no intuito de não cair no lago.

Morken levou sua força física e agilidade ao seu limite, canalizando-os para esmurrar a barriga de Kracht antes que ele usasse mais uma de suas explosões solares. Kracht se curvou com a força dos murros desferidos contra sua barriga, deixando sua cabeça desguardada para o chute de Morken no seu maxilar, fazendo-o girar parado no ar. Morken o pegou pela cabeça e a usou para rachar o chão de gelo sob os seus pés, subindo em cima dele de modo a imobilizar seus movimentos.

— Agora você vai me escutar! – Morken tinha um tom satisfeito na voz!

Kracht olhava com raiva para o irmão, tentando, sem sucesso, se desvencilhar enquanto o sangue descia de sua testa. O ataque não fora o suficiente para nocauteá-lo, mas seu poder sumira, sua pele voltando ao normal.

— Eu nunca quis causar o acidente que matou nossa mãe, nem muito menos abandoná-lo, mas eu não tive escolha. As coisas simplesmente aconteceram! Não sei o que ele falou para você sobre o que aconteceu, mas acredite em mim!

— Você sabe o quanto eu sofri na mão dele? Depois que você e a mamãe se foram fui o único que restou para ele descontar suas raivas e frustrações. Eu virei o novo culpado de tudo. Ele me ensinou a não ter pena de nada nem de ninguém. Ele me fez matar minha babá porque eu estava muito apegado a ela, no aniversário da morte da nossa mãe. Eu só tinha dez anos! — Lágrimas desciam pelo rosto tenso de Kracht enquanto ele falava, mas Morken não saberia dizer se elas eram de raiva ou de tristeza — AGORA OLHE NOS MEUS OLHOS E DIGA QUE VOCÊ NÃO É O CULPADO DE TUDO ISSO!!!

Antes de olhar para seu irmão mais novo, Morken sentiu uma lágrima surgir no seu olho pela primeira vez desde que sua mãe morrera:

— Eu que... — Antes que ele terminasse de falar, os olhos de Kracht começaram a brilhar intensamente, soltando uma pequena explosão solar enquanto olhava no fundo dos olhos do seu irmão mais velho. Morken conseguiu desviar parcialmente sua cabeça para a esquerda, mas o ataque pegou seu olho e lado esquerdo do rosto, cegando-o e desfigurando-o.

## NEM TODAS AS PROMESSAS PODEM SER CUMPRIDAS

Aaron acordou com a cabeça rodando, tentando entender o que estava acontecendo, mas a tempo de ver Kracht cegar parcialmente seu irmão. O filho mais novo do Marechal Jorg Marok se levantou com um sorriso malicioso no rosto enquanto Morken gritava desesperadamente com a mão nos olhos.

– Você se tornou muito inocente. Não se esqueça do lema do nosso pai “eu não perdoo, nem esqueço.” – Ele deu um passo em direção a Morken e desferiu um forte chute contra sua cabeça, fazendo-o perder os sentidos.

Kracht deu uma risadinha, olhando ao redor até se fixar onde Aurea jazia descordada, fazendo os seus braços voltarem a ficar incandescentes:

– A próxima a ser punida é você...

Aaron olhou em volta, tentando se pôr de pé. Dryke e Macht haviam acabado de chegar ao lado do corpo do Zver, que diminuía até sua forma original, parecendo um ursinho de pelúcia desfalecido. Eles tentavam achar alguma forma de salvar a vida do pobre animal.

– Seu rosto lindo não será mais o mesmo depois que eu o queimar por inteiro. – Kracht continuava andando lentamente em direção a Aurea, gritando ensandecido para a noite.

Aaron não podia deixar aquele maníaco desfigurá-la. Como ele

ousava pensar em fazer aquilo? Só de imaginar que Kracht podia querer fazer aquilo, uma fúria assassina se apoderava de Aaron. A visão dos seus amigos feridos e desfigurados. A raiva crescia no seu peito de forma incontrolável, junto com seu poder. Ele foi se levantando aos poucos, enquanto sentia a energia dentro dele fluir de maneira descontrolada, em uma quantidade assustadora e apenas uma certeza em sua cabeça, ele iria matar Kracht ali e agora.

Antes que aquilo tudo emergisse na forma da sua armadura negra, Aaron pediu perdão ao seu pai, em pensamento, por não ter conseguido resolver aquela simples prova sem precisar fazer aquilo. Mas, naquele momento, nada importava. Nada.

A energia foi liberada e mais uma vez ele sentiu seu corpo ser esmagado de dentro para fora por uma força imensurável, e mais uma vez ele não sentiu nada além de poder, fazendo até a dor causada pelo ácido de sapo vulcânico na sua perna, desaparecer. A armadura agora cobria todo seu torso e braços, deixando a mostra apenas sua cabeça e suas pernas. Ela assumira um contorno mais definido, coberta de reentrâncias afiadas, uma forma ameaçadora, como se refletisse sua fúria.

Aaron se projetou em direção a Dryke e Macht. O impulso fez o gelo rachar sob seus pés, no lugar que ele estivera alguns segundos antes e ele praticamente desapareceu da vista dos seus adversários que o olhavam em estado de choque. Com sua velocidade aumentada, o garoto chegou ao lado deles antes que conseguissem acabar de assimilar o que estava acontecendo e usou as suas mãos aumentadas e recobertas por sua armadura para pegar ambos os adversários pela cabeça e chocá-las uma contra a outra, jogando-os para longe. Aaron não parou para ver em que estado ficaram os dois, apenas continuou

se movendo em direção a Kracht a uma velocidade alucinante, ao mesmo tempo que seu inimigo se aproximava de Aurea.

Aaron o segurou poucos segundos antes que pudesse tocá-la. Kracht olhou surpreso, absorto demais em sua loucura para notar a aproximação de Aaron e, antes que pudesse reagir, Aaron o arremessou contra o farol com toda a sua força, fazendo-o demolir o restante da construção.

Uma explosão solar veio em sua direção de dentro dos escombros do farol, obrigando Aaron a usar seus braços para desviar a trajetória do ataque e acabando por limitar sua visão, o impedindo de ver Kracht surgir de detrás do seu ataque, com o braço envolto em calor e magma e acertá-lo no peito.

Aaron sentiu a força do golpe, que o mandou deslizando para longe, em pé e com a mão no peito, a sua armadura lhe protegera da maior parte do dano. Os dois pararam um momento, se estudando:

— Eu não vou permitir que faça mal a ela. — Aaron tinha uma certeza inabalável na voz.

— Não é fazer mal. Estou ensinando uma lição. Ninguém desrespeita a mim da maneira que ela fez. — Já Kracht falava com uma raiva casual na voz, como se alguém tivesse acabado de derrubar sua bebida.

— Eu vou te matar. — A voz de Aaron continuava baixa, mas sua raiva e sua vontade assassina eram claras, sentia-se em cada palavra dita, em cada movimento que fazia.

— Como eu disse, ninguém me desrespeita!

Ambos atacaram ao mesmo tempo, com os braços levantados,

colocando todos os seus poderes nos golpes. Os seus punhos estavam a poucos centímetros de se chocarem quando foram parados com facilidade por uma figura encapuzada, que surgiu entre eles.

O homem misterioso segurou os dois com os braços estendidos. Suas mãos eram enormes, seu antebraço musculoso e cheio de pelos. Ele era muito alto, vestindo uma espécie de uniforme branco com detalhes dourados. Aaron não podia ver sua face, nem muito menos se livrar do seu aperto. O homem encapuzado se virou com um sorriso no rosto, olhando para o Aaron, com olhos que cintilavam de alegria e esperteza. Aaron não teve tempo de falar ou fazer nada, com um movimento rápido, o homem tentou quebrar o braço que tinha em seu aperto. O braço de Aaron resistiu ao movimento, graças à armadura, mas ele ouviu os ossos de Kracht quebrarem com um estalo alto, enquanto o garoto era atingido com uma força descomunal na cabeça, fazendo-o colidir com o gelo, desacordado.

Aaron tentou acertar o homem misterioso com seu braço livre, mas foi atingido no rosto, antes que pudesse acertar seu golpe. Aaron já tomara vários murros e chutes na cabeça, mas nada comparado àquilo, se aquela era a força de um elemental poderoso, adulto e treinado, ele estava muito longe de atingi-la, na verdade, todos os que prestavam a Prova dos Elementos estavam. Assim como Kracht, Aaron atingiu o gelo com a cabeça, rachando-o e perdendo os sentidos por alguns segundos, enquanto sua armadura desaparecia, como se consumida por sua pele.

O senso de urgência fez com que acordasse. Ele tentou se levantar, mas seu corpo não reagiu ao seu comando. Sua vista voltando a escurecer, ele olhou ao redor, procurando entender o que estava acontecendo, sua fúria ainda queimando dentro de si, até que, pelo

canto do olho ele viu o corpo de Gent, enquanto o casulo de energia feito por Aurea se dissipava, a garota desacordada perto de onde Aaron estava, aparentemente seu corpo não estava conseguindo manter o poder ativo.

A raiva deu lugar ao desespero, sem o casulo de Aurea, Gent morreria em pouco tempo. Ele tentou rastejar até seu amigo, enquanto via Kracht ser carregado por uma outra pessoa vestida de branco em direção a floresta, mas foi impedido pelo homem misterioso novamente, que se colocou em seu caminho, esticando a mão para pegá-lo pelo braço e colocá-lo nos ombros.

A sua mão enorme estava a poucos centímetros dos olhos de Aaron quando foi decepada por uma lança, que se fincou no gelo ao lado de sua cabeça. Aaron não pôde deixar de notar a quão enferrujada e dentada estava a lâmina da lança que lhe salvara. O homem misterioso não pareceu sentir dor por ter tido seu braço cortado fora. Ele estava apenas um pouco surpreso, olhando para o céu atrás de Aaron, enquanto seu braço se curava por completo rapidamente. Aaron nem pensou em olhar para trás para ver quem era seu salvador, ele não tinha tempo para se importar com que estava acontecendo a sua volta. Precisava chegar até Gent, antes que seu amigo morresse.

— Tier, o Berserker...

A voz vinha de algum lugar mais acima, como se seu dono estivesse voando. O garoto continuou a rastejar em direção a Gent. O homem encapuzado deu uma pequena risada antes de responder, olhando para Aaron rastejando para longe:

— Se não é Vobben, a Morte. Seus amigos do Exército Imperial já pararam de lhe chamar de lobinho, creio eu.

– Agora eles me chamam de general. – O homem que decepara o braço de Tier tinha uma voz descontraída, como se aquilo não passasse de um encontro informal. – E como tal, não posso deixar que sequestrem estes garotos... Foi uma bela falta de sorte sua. Na verdade, eu só estou aqui para pagar um velho favor que eu devia e não era você quem eu esperava encontrar.

Todos os companheiros do Berserker pareciam assustados, como se houvessem visto a própria morte, menos ele próprio, que respondeu:

– Você e mais quem?!

Vobben ainda parecia estar se divertindo e deu uma risada sarcástica antes de responder:

– Se você fosse um dos seus irmãos, eu até poderia levar a sério o que você falou, mas seus irmãos estão presos e você não está no meu nível. Quanto aos seus ajudantes, eu posso matá-los sem o menor esforço. As coisas mudaram muito desde a última vez que nos vimos, Tier.

– Eu sei disso. Eu ouvi suas histórias... do quão poderoso você se tornou. Seu pai estaria orgulhoso.

– Não. Meu pai estaria morto, que é o que ele está agora. –Tier procurava prolongar a conversa, enquanto estudava alguma maneira de escapar dali. Entretanto, Vobben não parecia se importar e ainda falava tranquilamente – Mas isso não parece ser um problema, afinal, vocês tinham a cópia dele durante todo esse tempo. Aqueles olhos, a armadura. Ele herdou os poderes do meu pai. Só não entendi o porquê de tentar infiltrá-lo agora, quando ele ainda é tão novo. Esse não parece um erro que minha mãe cometeria.

– Ele nunca esteve no Exército Negro conosco. Para nós é uma surpresa tão grande quanto para vocês. Achávamos que ele estava morto. – O Berserker apontava para Aaron.

– E por que eu acreditaria nisso? – Vobben parecia estar perdendo a paciência.

– Você mesmo respondeu alguns segundos atrás. Sua mãe nunca cometeria um erro tão óbvio quanto mandá-lo para cá.

– Talvez você tenha razão, no entanto, isso é algo que posso descobrir depois.

Aaron sentiu uma enorme quantidade de energia trepidar atrás dele e, logo em seguida, inúmeras lanças, espadas, facas, todos os tipos de armas possíveis começaram a chover com força, lançadas da mesma direção da voz do misterioso general. As armas estavam em péssimo estado. A maioria parecia ter acabado de sair de uma longa e sangrenta batalha, com manchas de sangue coagulado, lâminas e cabos partidos ou severamente danificados. Mesmo assim Aaron pôde ver os soldados do Exército Negro caindo um por um, cada um trespassado por uma arma. Quando o frenesi parou, o único ainda em pé era Tier, e mesmo assim com diversos ferimentos pelo corpo, que se regenerava rapidamente a cada golpe que lhe acertava.

O coração de Aaron batia forte, o Exército Negro invadira a prova e estava tentando sequestrá-los, mas não era isso que fazia seu coração trepidar. O General Vobben parecia falar como se fosse filho de Logan, o Lobo, ou seja, seu irmão... Como isso podia ser possível, como ninguém lhe contara nada sobre ele ter um irmão vivo e ainda por cima general do Exército Imperial? Aaron não sabia o que sentir, devia estar feliz por ter um irmão vivo ou sentir raiva por ninguém

nunca ter lhe falado? Ele decidiria aquilo depois, naquele momento ele tinha outras prioridades.

Aaron olhou ao redor procurando por seus amigos e ficou aliviado ao ver que nenhum deles fora atingido pelo ataque de Vobben. Com um último esforço ele chegou até Gent, o garoto chiava tentando respirar, seus ferimentos expostos ainda cheirando a queimado, seus olhos arregalados e assustados, tentando entender o que estava acontecendo. Aaron não sabia o que fazer, o tórax de Gent estava danificado demais para que ele conseguisse fazer qualquer tipo de massagem cardíaca, ele só conseguia devolver o olhar desesperado do seu amigo:

– A Go... a Gota... – Gent tossiu sangue.

O Berserker se recuperou rapidamente, da mesma forma que havia feito com seu braço e partiu para o ataque em um frenesi de movimentos impressionante. A velocidade e o poder dos dois era absurdamente maior do que qualquer coisa que Aaron já tivesse visto, se ele levantasse seus olhos naquele momento, a única coisa que conseguiria ver era um borrão entrando e saindo do seu campo de visão e o som dos golpes varando a noite como marteladas.

– A Gota, o que eu faço com ela??!! – Aaron queria ajudar, mas não sabia se deveria tocar em Gent. A Gota ainda presa as suas costas.

– Ener... energi... – Gent lutava para se manter acordado.

Aaron segurou a cabeça do amigo, deixando o medo de lado, ele o virou, tirando a gota das suas costas e a colocando na frente do seu amigo. Ele não sabia direito o que fazer, não tinha controle sobre seu Sjal, ele tentava, mas nada acontecia. O desespero lhe

invadindo, o rosto de Gent mudando para o de Sarah, depois para o de Jonas, seu pesadelo se tornando realidade, as lágrimas invadindo seu rosto, enquanto a consciência de Gent parecia se esvaír. Aaron não podia deixar aquilo acontecer, com toda energia que lhe restava, ele amassou a Gota, toda sua força de vontade, todo seu poder, toda sua raiva e frustração despejados no objeto de uma só vez. A Gota zuniu e se iluminou até se desfazer com um barulho oco, os pedaços de metal se lançando para longe da rocha central, que brilhava como uma estrela, e que Aaron imaginou ser o conversor rúnico. Os fragmentos da Gota pararam sua trajetória, formando uma esfera ao redor do seu núcleo iluminado.

Aaron abriu os olhos e viu os de Gent brilhando com poder, era a primeira vez que ele via aquilo acontecer, uma luz metálica saía deles, enquanto ele parecia murmurar algumas palavras em uma espécie de transe. Aaron soltou o núcleo da Gota e no mesmo instante os fragmentos voaram na direção do corpo de Gent, cobrindo seus ferimentos centímetro por centímetro com um chiado enervante de pele queimando.

Quando terminou, os ferimentos de Gent estavam totalmente cobertos pelos fragmentos da Gota e o núcleo iluminado se fixou sobre o coração do garoto, ainda visível sobre a carapaça de metal, lhe dando uma aparência entre o alienígena e o futurista. Gent jazia desacordado, ainda sem os braços, mas respirando com mais tranquilidade. Aaron olhava para seu amigo, seus olhos ainda tentando entender o que acabara de acontecer, quando, pelo canto do olho pôde, finalmente, ver seu irmão, ou pelo menos o homem que se dizia ser seu irmão, o General Vobben, a Morte.

Ele estava vestido no uniforme do Exército Imperial, uma casaca

preta com duas linhas de botões prateados e uma calça também preta. No seu peito estava bordado em fios de prata, o escudo do exército: o cão de três cabeças, ladeado por duas grandes espadas de fio reto. As mãos recobertas por luvas negras, de couro, e nas suas costas uma capa, também prateada, presa por duas cabeças de cachorro de prata, uma em cada ombro. Ele tinha um formato de rosto parecido com o de Aaron, apenas mais longo e magro, sua pele um pouco mais escura contrastando com os belos olhos azul safira e o cabelo claro cortado em estilo militar.

Qualquer ataque desferido por Tier era detido por um escudo, dentado e manchado de sangue diferente, que surgia através de um portal circular negro, materializado por Vobben. Por mais que o Berserker usasse seu corpo das mais variadas formas, ele não conseguia atingir seu adversário. Até que os dois se afastaram mais uma vez.

— Como eu disse, você não consegue nem me fazer suar. — Vobben tinha um tom sarcástico na voz.

— Eu estou só começando.

Eles voltaram a se encontrar em uma demonstração incrível de força e poder. Dessa vez, Vobben também contra atacava, fazendo os mais diversos tipos de armas se materializarem no ar através dos mesmos portais circulares e negros, ferindo o seu adversário gravemente por diversas vezes, decepando membros, trespassando-o com suas armas, mas este sempre se curava usando seu poder, não parando nem por um segundo.

Aaron assistia a tudo aquilo impressionado. O nível de poder de Tier estava a uma distância imensurável do seu, e Vobben parecia

ainda mais poderoso, apesar de seus ataques não estarem surtindo o efeito esperado o poder do seu irmão era realmente assustador. Mesmo tendo aumentado a velocidade e a força dos seus golpes, o Berserker ainda não havia conseguido atingir seu adversário, que se defendia e atacava com a mesma destreza, parecendo achar engraçado o fato de Tier conseguir se curar na mesma rapidez com que ele lhe infligia danos.

Tier não parecia abalado, pulando para desferir um poderoso murro mirando o rosto do seu adversário, mas sendo bloqueado mais uma vez por um dos escudos. Vobben sorriu para ele novamente, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, a pele de Tier adquiriu um tom avermelhado, o ar ao seu lado ondulando com o calor, ele pareceu sumir de onde estava, ressurgindo ao lado do General, alguns metros acima do chão, que ainda conseguiu materializar um dos seus escudos para defender o ataque, mas o murro amassou o escudo, deslocando-o com pura força bruta, acertando Vobben, mandando escudo e General com força contra o chão.

Vobben conseguiu se recuperar antes de atingir o gelo, rolando para mitigar a força do impacto contra o terreno e se pondo de pé em um único movimento, voando alguns metros acima do chão na direção oposto do seu adversário. Ele perdera seu sorriso zombeteiro e agora olhava para seu adversário com um misto de raiva e dor controlada:

— Essa luta acaba agora.

— Eu ainda não acabei de esquentar e você já quer acabar a luta? – Assim que acabou de falar, Tier desapareceu de vista novamente, sua velocidade muito acima de qualquer coisa que Aaron achasse ser possível existir.

— E eu ainda não havia nem começado... — Centenas de portais negros surgiram atrás de Vobben, fazendo a escuridão da noite, espantada pelo Sol que nascia, retornar. No centro de cada um deles estava uma arma, que era lançada a uma velocidade estonteante na direção do seu adversário. Tier foi pego no meio do seu ataque, sendo obrigado a recuar sem conseguir atingir Vobben. O Berserker conseguia desviar da maioria das armas, que não paravam de vir enquanto tentava avançar em direção ao seu adversário, se regenerando sempre que era atingido.

Aaron conseguia notar que os ferimentos de Tier começavam a se curar mais lentamente, e ele respirava com mais dificuldade. Assim como nele próprio, o cansaço parecia estar fazendo efeito. Aaron mal conseguia se manter acordado. O Sol já nascera, o que significava que todo o esforço dos últimos cinco dias havia sido em vão. Eles não seriam aprovados na Prova dos Elementos, e conseqüentemente não entrariam na Escola para Elementais de Lysmor, mas isso era o pior. Pois agora, o império todo saberia sua identidade, e sem a proteção da Escola, ele cairia como um patinho na mão do Marechal para ele fazer o que quisesse com ele.

Aaron usava todas as forças que lhe restavam para se manter consciente e ver o desfecho da luta, que com certeza iria mudar a vida de todos os envolvidos, independente do resultado. E, apesar de todos os acontecimentos, Aaron não sabia para quem torcer. Naquele momento, a sua cabeça estava confusa, um misto de emoções embaçadas pelo cansaço.

Tier gritou recuando para longe do alcance da chuva de armas que lhe perseguia. Ele arfava com o esforço do combate, sua pele quase incandescente pelo calor gerado por seu corpo ao aumentar seu

metabolismo a níveis inumanos no intuito de lhe dar toda aquela força e agilidade. Em um pulo, ele pareceu se teletransportar do chão onde estava até a altura onde Vobben flutuava, usando toda sua velocidade e força para desferir um soco contra a esfera, formada por diversos escudos, que surgira ao redor de Vobben. O impacto foi tão grande que o deslocamento de ar fez Aaron e todos ao redor deslizarem alguns metros pelo gelo e a esfera afundar sob a força do golpe.

Tudo pareceu ocorrer em câmera lenta. Os escudos se deslocando para o interior da esfera, levando Tier, o Berserker até quase o seu centro, antes de se reorganizarem, prendendo-o dentro de uma nova esfera e deixando Vobben, a Morte intacto do lado de fora:

— Você me surpreendeu. Foi até uma luta decente – Vobben abriu sua mão e diversos portais com lanças em seus centros, surgiram nas pequenas brechas entre os escudos. – Mas como eu disse: você não está no meu nível. – Ele fechou sua mão e as lanças dispararam para dentro da esfera.

## SHOGAKKO

Aaron podia ver seu pai envolto por sua armadura negra, não Jonas, o homem que lhe criara e que ele tinha como pai, mas Logan, O Lobo com seus olhos brilhando vermelhos e sinistros. Ele estava massacrando uma cidade inteira, sozinho. Matando tudo e todos sem demonstrar nenhum remorso, na verdade, parecia gostar daquilo. O garoto tentava fazê-lo parar, mas não conseguia se mover, só assistir à medida que o Lobo tirava a vida de todos que via pela frente. A sua fome assassina não foi saciada até que todos na cidade estivessem mortos, muitos imploraram e se humilharam por suas vidas e dos seus entes queridos, mas ninguém foi poupado, crianças, velhos, grávidas, ninguém ficou vivo. E, só então, seu pai parou na praça central, banhado em sangue e ofegante, mas parecendo satisfeito, desfazendo sua armadura e revelando sua verdadeira identidade. Aaron se viu ali, parado, com um sorriso vitorioso no rosto. Era ele próprio quem tinha cometido todas aquelas atrocidades e não Logan, o Lobo.

Aaron acordou agitado, seu corpo envolto em suor. Ele tentou se levantar, mas foi impedido por uma mão pequena e macia, que empurrou seu peito de volta a cama com uma firmeza de ferro.

— Finalmente acordou! – Uma senhorinha muito velha, e pequena, não podia ter mais de um metro e quarenta de altura, de olhos puxados e cabelos lisos e grisalhos, presos em um complexo coque atrás de sua cabeça, flutuava ao seu lado, olhando-o com caridade. Ela vestia uma espécie de vestido azul-turquesa, feito de um material

endurecido mas macio ao toque, sob o corpo magro e minúsculo. Nos pés, ela vestia uma sapatilha dourada. O conjunto fazia ela parecer uma fada, só que muito, muito velha. – Com...

– Aurea, Gent, Morken, Kvin, como eles estão? – Aaron não a esperou terminar sua frase, a primeira coisa que veio a sua cabeça foram seus amigos. Antes de qualquer preocupação consigo mesmo e seu destino.

– Estão todos vivos e cuidaremos deles no máximo de nossas capacidades para que se recuperem o mais rápido possível. – A senhorinha tinha uma voz firme e doce, que transmitia segurança e altivez. – Agora Sr. Fischer, eu preciso que você se acalme. Você mesmo sofreu diversos ferimentos...

– Você tem certeza? Gent, ele... el... – A imagem do seu amigo mutilado sobre o gelo invadiu sua memória e ele não conseguiu terminar a frase.

A senhorinha pôs a mão em seu ombro, apertando-o levemente antes de falar:

– Não posso mentir e dizer que os ferimentos dos seus amigos não foram graves, mas tenho total fé em nossa equipe de curandeiros para retorná-los a sua melhor forma física.

A voz dela lhe acalmava, a certeza e a fé que trazia consigo eram contagiantes e levantaram um pouco o seu ânimo. Ele olhou ao redor, pela primeira vez procurando tentando entender onde fora parar. Do seu lado direito existia apenas uma parede de madeira escura, assim como acima de sua cabeça. No entanto, para o seu lado esquerdo e na direção dos seus pés, se entendiam grandes fileiras de camas,

onde vários jovens se recuperavam de seus ferimentos, mas foi o leve balanço do mar que afetava o lugar que revelou a Aaron onde ele se encontrava:

– Estamos no Gulltop? – Ele estava surpreso, quando desmaiou assistindo o desfecho da luta entre o General Vobben e Tier, O Berserker, acreditou que acordaria em alguma prisão imperial maltrapilha. – Meus amigos também estão aqui?! Posso ir visitá-los?

– Sim, estamos no Gulltop a caminho da Escola para Elementais de Lysmor e sim, seus amigos também estão aqui. – Ela sorriu, o rosto de Aaron se iluminando. – Mas antes de permitir que vá visitá-los, eu preciso conversar algo com você.

– Peraí, estamos indo para escola?... mas não tínhamos o número de moedas e... e não estávamos no farol... não que eu me lembre. – A felicidade de Aaron dando espaço para a desconfiança.

A senhorinha deu de ombros com um sorriso no rosto:

– O Exército Negro atacou a prova, se não fosse o ataque, quem sabe o que poderia ter acontecido? Vocês poderiam ter acabado dentro do farol, ou fora dele... em todo o caso, não podemos penalizá-los por uma falha da organização da prova.

– Então realmente fomos aprovados? – Aaron ainda não conseguia acreditar, um sorriso se formando em seu rosto apesar de tudo.

– Sim... Sr. Fischer, receio que todos que estavam na batalha do farol foram aprovados.

Só então Aaron se apercebeu que não perguntara o nome dela, ficando levemente envergonhado:

– Eu não perguntei, peço desculpas! Qual o nome da senhora?

– Não se preocupe. Meu nome é Shogakko. – Ela continuava com seu sorriso bondoso, flutuando ao seu lado, mas algo nela dizia que ainda tinha um assunto sério para tratar com o garoto.

– Senhora Shogakko. – Seu coração batia forte naquele momento, e nenhuma das respostas que ele imaginava que sairiam da boca dela, lhe parecia remotamente boa. Uma parte dele sabia sobre o que se tratava àquela conversa – O que a senhora quer conversar comigo?

– Sr. Fischer, falo isso na minha função de diretora de Escola para Elementais de Lysmor e achei prudente lhe contar logo que acordasse, para que não descobrisse por outras fontes... mas o senhor enfrentará, no Império de Taur, um julgamento por alta traição, pelo qual a pena é a morte. – A diretora parou, observando Aaron, esperando sua reação.

– Eu... eu pensei que a escola era independente do Império... – Por mais que até poucos meses atrás odiasse elementais e qualquer coisa que se relacionasse a eles, naquele momento, tudo que tinha estava no mundo elemental, seus amigos, seu recém-descoberto irmão e até Kuma. Se ele fosse condenado, mesmo que conseguisse fugir, não teria para que viver.

– E somos, conseguimos impedir que o General Vobben levasse você, e vamos garantir que tenha um julgamento honesto... Veja bem, ser filho do seu pai não é um crime em si, nem mesmo no Império de Taur, tire como exemplo o próprio General Vobben... – Ela tentava animá-lo – E você não tem nada a esconder tem?

Aaron apenas balançou a cabeça negando. Por mais que tivesse

gostado da senhorinha, ele não podia sair por aí admitindo sua culpa.

— Meu irmão... você acha que ele poderia ajudar, quero dizer... ele é general – Aaron parou, tentando imaginar como seria a personalidade do seu irmão. – ... ele é um cara legal?

Shogakko olhou para ele com simpatia, um brilho de dúvida se fez presente por uma fração de segundo:

— Eu o conheci quando foi aluno de Lysmor, era um menino brilhante e de bom coração..., no entanto faz vários anos que não falo com ele. Mas não se preocupe, teremos tempo para analisarmos qual a melhor estratégia.

— Quand... quando ocorrerá o julgamento?

— Essas coisas demoram... diria que no mínimo seis meses. Mas como eu disse, você não tem com o que se preocupar, além do mais, os olhos do continente estarão virados para esse julgamento, o Exército Imperial estará acuado. – Ela parou, levantando a cabeça de Aaron, que olhava fixamente para seus pés, para que ele olhasse em seus olhos. – Fique tranquilo Sr. Fischer, eu garantirei para que corra tudo bem nesse julgamento. – Ela tinha um brilho misterioso em seu olhar animado. – Agora levante a cabeça e vá visitar seus amigos, eles precisam de você! – Ela se virou e saiu flutuando lentamente, parando alguns metros depois e se virando para ele. – Ah, e ponha um sorriso nesse rosto, afinal vocês são alunos da Escola para Elementais de Lysmor, a melhor e mais fantástica escola desse mundo!

Sem perceber, Aaron se pegou sorrindo, seu ânimo revigorado pela diretora mesmo diante de assuntos tão pesados. Com um pulo, Aaron se pôs para fora da cama, seus ferimentos praticamente curados,

seu corpo ainda dolorido, mas nada que não conseguisse superar. Vestindo roupas novas, que ele nunca vira, juntou os poucos pertences em sua mesa de cabeceira e saiu, seguindo a Diretora Shogakko. Novos desafios se mostravam a sua frente, ainda maiores e mais assustadores, mas ele tinha certeza, que os superaria, já perdera tudo uma vez, não deixaria acontecer de novo, se agarraria a sua nova vida com tudo que tinha e conseguiria sua vingança, custasse o que custasse.

## EPÍLOGO

**B**alor estava impaciente, quando solicitara a Kompas uma reunião em um local discreto, em que os dois não fossem vistos juntos, já que sua situação piorara ainda mais junto ao Exército Imperial, agora que o continente inteiro sabia quem era o pai de Aaron, ele não imaginara que o velho explorador lhe mandaria uma latitude, uma longitude e uma altitude como ponto de encontro. Talvez Balor não devesse reclamar, afinal já fora um milagre ele ter conseguido fazer aquele homem sair do seu esconderijo em Orken, já fazia quinze anos que ele não saía de debaixo da terra. Claro, que ele podia simplesmente não aparecer e levar aquilo tudo como uma peça pregada em Balor e essa possibilidade também o irritava.

Kompas, apesar de excêntrico e até louco, era um gênio e sabia quando precisava ou não aparecer, era difícil achar alguém mais bem informado do que ele no Império, mesmo ele tendo passado os últimos quinze anos recluso, e Balor estava confiante de que diante de tudo que vinha acontecendo e que estava para acontecer, o homem decidiria finalmente se mostrar.

Quando chegou até as coordenadas indicadas por ele, não havia nada a não ser areia e pedras para onde quer que ele olhasse, mas aquilo não surpreendeu a Balor, ele olhara em seu mapa antes de partir e vira que não existia nada naquele ponto da Província de Lus.

Fazia um sol forte, mas a temperatura já não estava tão alta, sinal de que o verão começava a ir embora, dando lugar para um outono seco, como era característica daquela região do Império. O general

pegou novamente o pedaço de papel onde anotara as coordenadas, se fixando na altitude e olhando para cima, tapando o Sol com uma das mãos, procurou por alguma coisa no céu e viu um pequeno ponto escuro, parado, como se estivesse ancorado a uma das poucas nuvens.

Balor riu-se um pouco, respirando fundo, tentando materializar toda a paciência que possuía, que ele sabia não ser muita. Seu poder não lhe permitia voar literalmente, mas ele conseguia criar jatos de fogo, fazendo-os sair de suas mãos e pés, impulsionando-o para um voo extremamente veloz, mas muitas vezes atrapalhado... ele odiava voar. Pouco tempo depois, Balor estava aterrissando na “praça” de um dirigível de médio porte, sua grande cavidade preenchida com ar quente, feita de um material diferente, que mais parecia um tecido de metal, pintado na cor de areia seca, sustentando no ar uma cabine de mais ou menos quinhentos metros quadrados, feita totalmente de ferro fosco. A estrutura inteira parecia pesada demais para estar voando daquele jeito. Na “praça”, um vão de mais ou menos cem metros quadrados, que funcionava como uma espécie de garagem, onde uma pequena variedade de veículos estranhos estava guardada, Kompas o esperava com um sorriso largo, seus olhos com o seu característico brilho louco, vestindo um macacão branco feita de um tecido grosso e casaco de couro marrom de aviador:

– Geeeneral!! Há quanto tempo, que bom que conseguiu me encontrar!

– Kompas apertou sua mão e lhe deu um abraço antes que Balor conseguisse dizer qualquer coisa.

– Kompas, bom vê-lo... finalmente saindo da toca. – O desconforto do general era claro.

Balor ficou preso no abraço por mais tempo do que gostaria, até que Kompas o soltou e partiu na frente, em direção a cabine do dirigível sem falar nada. O general esperou que ele o chamasse, mas depois de um tempo sem saber o que fazer, ele decidiu segui-lo, mesmo sem ser chamado. Balor não encontrou mais ninguém na aeronave e quando chegou até a sala de comando, deu de cara com Kompas preparando um chá, as poltronas do piloto e do copiloto vazias.

– Já estava preparando um chazinho enquanto esperava você, me lembrei no nosso abraço, sabe, você cheira a fogo... – Kompas se serviu do seu chá em uma única xícara feita de porcelana, enfeitada com ouro, de aparência extremamente antiga. Ele levantou o dedo mindinho enquanto provava com uma bebericada. –... PERFEITO!!

Balor não se assustou com o grito, apesar de ter sido pego de surpresa, mantendo seu semblante carrancudo, enquanto dava uma risada sarcástica.

– E que cheiro fogo tem?!

– Ah, meu amigo, você mais do que ninguém sabe que o fogo pode ter cheiro de inúmeras coisas! – Ele riu, como se falasse a coisa mais óbvio do mundo. – Eu lhe ofereceria uma xícara, mas só trouxe uma, mas por favor, beba da garrafa, a temperatura não vai ser problema para você e é do seu favorito, camomila!

Aquele homem sabia como tirar a paciência de Balor, mas ele se conteve:

– Camomila não é meu chá favorito...

– Ah, mas devia ser! – Kompas falou em um tom de um pai que aconselha um filho, o que irritou Balor ainda mais. – Mas enfim, já

falamos demais sobre chás. Então general, o que queres de mim?!

Kompas se empoleirou no painel, ao lado do leme de madeira da aeronave, equilibrando sua xícara sobre uma de suas reentrâncias.

Balor bufou, era melhor ir direto ao ponto, ou nunca sairia dali:

— Preciso que você me coloque em contato com o Exército Negro.

Kompas deu um gole displicente em seu chá:

— Perfeito... – Ele falou olhando para sua xícara com um prazer quase sexual.

— Você ouviu o que eu disse??? – Balor questionou, sua pouca paciência já se esgotando.

Kompas levantou os olhos contrariado:

— Tome um pouco do chá... é de camomila, o seu favorito! – Balor bufou novamente, pensando se fora tolice ir até ali, mas se manteve calado na esperança de que Kompas o respondesse. – Para que você quer falar com o Exército Negro? Soube de umas coisas bem cabeludas ao seu respeito... – ele deu outro gole, batendo um lábio contra o outro e emitindo um barulhinho irritante enquanto apreciava seu chá, mas continuou. –... e agora essa revelação, de que você tem o filho do Lobo no mesmo grupo da sua filha, o resgatou de algum orfanato, história bem estranha se quer saber minha opinião.

Balor ignorou todos os comentários, se atendo ao ponto que viera tratar com Kompas:

— Quero propor uma aliança ao Exército Negro, pretendo derrubar o marechal... se escutou coisas cabeludas ao meu respeito sabe do

ataque a minha filha e sabe da minha reunião com Gennis Storegeni e alguns outros industriais, mas deixe-me contar o que você não sabe.

Balor contou a Kompas como Aaron tinha ido parar no grupo da sua filha e da conexão de Aaron com Kuma, contou das pretensões de Kuma para depois contar sobre sua aliança com Gennis e os outros, das intenções do Marechal e da Santa Igreja na guerra de expansão que estava por vir, assim como as consequências. Falou no acordo que acabara de firmar com o marechal, contou também sobre os seus apoiadores dentro do Exército Imperial e em como o acordo com o Marechal mandava ele e esses apoiadores para o front de batalha e finalmente contou que, diante de tudo isso, pretendia juntar o seu próprio grupo, ao grupo de Kuma e ao Exército Negro, para formar uma Frente Aliada contra o Marechal, a Santa Igreja e o Exército Imperial. Balor pretendia dar um golpe e instaurar um novo regime.

Surpreendentemente Kompas escutou a tudo em silêncio, bebericando seu chá uma vez ou outra, não fazendo sequer uma pergunta, seus olhos esbugalhados em um foco agonizante sobre cada palavra dita por Balor, quando este finalmente terminou, ele continuou calado, indo até a garrafa e se servindo de um pouco mais de chá.

– Tem certeza de que não vai querer um chazinho de camomila?  
– Ele falou colocando a garrafa na frente do rosto de Balor, que continuava de pé, apoiado contra a parede, vestindo calças escuras confortáveis, sobre botas pretas, uma camisa simples branca e um casaco de couro avermelhado.

Balor pegou a garrafa, finalmente dando um gole, ainda esperando o que Kompas iria dizer sobre sua história... O chá realmente estava maravilhoso.

– Que merda nós fizemos com esse Império, não é mesmo...?! – Kompas falou em um tom consternado e voltou a se empoleirar, dessa vez no encosto de braço da poltrona do piloto. – Nós sabemos que o pessoal do Exército Negro não são exatamente seus fãs, não acho que estariam muito dispostos a recebê-los, sabe como é, MAS! – Ele gritou, levantando seu dedo, ainda sem conseguir tirar uma reação de Balor. – Talvez, se você desse uma demonstração da sua boa vontade para com esta pretensa aliança, eu poderia conseguir que eles o recebessem.

O general deu um golão no chá, para ver se aquilo ajudaria de alguma coisa na sua paciência. Já estava irritado com os gritos repentinos de Kompas.

– Que tipo de demonstração?

– Veja bem, há uns seis meses atrás fui procurado pelo Exército Negro para conseguir a localização da Prisão Imperial de Zapor, eles, obviamente, querem resgatar alguns dos seus membros mais preciosos... Acredito que o ataque a Prova dos Elementos foi uma tentativa para conseguir trocar reféns... na verdade, na verdade...

– Kompas baixou sua voz, colocando a mão ao lado da boca como se contasse um segredo. – ... acho que eles também querem tentar derrubar o Exército Imperial de novo.

– E você, o que ganharia nisso tudo? – Balor já terminara seu chá e encarava Kompas, seu semblante sério como sempre, tentando pescar as intenções do homem a sua frente, mas seus trejeitos malucos o tornavam impossível de ler. Balor tinha certeza de uma coisa, Kompas já devia desconfiar das intenções dele, tudo aquilo não passara de um teatro para chegarem até aquela conversa. No entanto, faltava uma

peça no quebra-cabeça: o que Kompas iria ganhar intermediando esse contato entre ele e o Exército Negro. Balor sabia que Kompas não ligava para dinheiro, pelo menos não mais.

– Eu?! Eu não ganho nada! Eu só pago!

Balor bufou refletindo, ignorando as últimas palavras de Kompas, sabendo que não conseguiria tirar uma resposta direta dele, ele olhou para o céu azul lá fora, que começava a escurecer, precisaria levar aquilo adiante mesmo sem saber ou entender quais eram as intenções de Kompas. As prisões imperiais não serviam apenas para presos políticos, elas estavam lotadas com as pessoas mais perigosas do Império... e criminosos elementais tinham um potencial de dano gigantesco. No entanto, ele não tinha muitas opções.

– Está bem, mas sob uma condição: eu participarei da invasão a Zapor.  
– Desta maneira ele garantiria que depois da invasão conseguiria falar diretamente com o Exército Negro, sem a intermediação de Kompas.

Kompas sorriu diante da resposta de Balor, o que o inervou um pouco:

– Pensei que você estaria no front de batalha...

– Darei um jeito! – Balor ainda não sabia como faria, mas pelo menos já teria um álibi perfeito.

Kompas deu de ombros se divertindo e batendo continência:

– Você quem manda general! Como faremos?

– Tenho uma pessoa de confiança que irá fazer uma visita oficial a Zapor, e já recebeu a aprovação do Exército Imperial. Utilizaremos

esta janela... enviarei os detalhes depois. Quantos seremos, você já sabe?

— Você, eu e os irmãos corrompidos, lembra deles?

Balor ficou surpreso diante da afirmação de que Kompas participaria pessoalmente na invasão a Zapor, mas aquela informação o tranquilizava, diminuía a possibilidade de armadilhas e traições. Decidiu não questionar, apenas acenando com um movimento de cabeça. Os irmãos corrompidos, no entanto... Balor lembrava muito bem de quem eram... Volkod e Carovni, talvez fosse interessante tê-los ao seu lado para variar, apesar de instáveis, não ser alvo da destruição que os dois eram capazes de causar. Além do que, garantiam a ele acesso direto ao alto escalão do Exército Negro, já que ambos eram comandantes.

— Nos manteremos em contato...

Kompas ergueu sua xícara como se brindasse, mas não se levantou para acompanhá-lo até a “praça” do dirigível, de onde ele se largou, caindo a toda velocidade em direção ao chão.